

A GRAMÁTICA DO PORTUGUÊS CULTO FALADO NO BRASIL

Ataliba T. de Castilho
USP

Sumário

0. Breve Histórico do PGPF.

1. A convivência dos contrários

2. Manutenção das divergências

3. Para um modelo de processamento do discurso: um ponto de convergência ?

Conclusões: os processos constitutivos da língua falada.

Referências bibliográficas

Anexo I: Pesquisadores participantes

Anexo II: Trabalhos concluídos

Anexo III: Plano da Gramática do Português Falado

0. Breve Histórico do Projeto de Gramática do Português Falado

O Projeto de Gramática do Português Falado (PGPF) teve início em 1988, devendo finalizar-se em 1996.

Ele deriva do Projeto da Norma Urbana Lingüística Culta do Brasil, que se tornou conhecido como Projeto NURC/Brasil, iniciado em 1970, e ativo até hoje nas cinco capitais em que tem sido desenvolvido: Recife, Salvador, Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre.

Realizadas as gravações previstas, entre 1970 e 1977, apurou-se um corpus gigantesco, constante de 1870 entrevistas com 2356 infor-

mantas, totalizando 1570 horas de gravações. Em 1988, representantes do Projeto do Português Fundamental (sedeado no Centro de Linguística da Universidade de Lisboa) e do Projeto NURC/Brasil firmaram um protocolo de intercâmbio de dados, de tal sorte que atualmente ambas as equipes dispõem de elementos para eventuais comparações entre as modalidades europeia e americana do Português falado.

As análises dos dados do Projeto NURC tiveram início em 1978, mas já em 1981 foram constatadas dificuldades para a continuação dos trabalhos, na forma como eles tinham sido concebidos no final dos anos 60 pelo projeto congênere do Espanhol da América: (1) não tinha havido uma discussão sobre a especificidade do oral, e os instrumentos de análise tomavam a língua escrita como ponto de partida; (2) o modelo teórico adotado, que combinava elementos da Gramática Tradicional com uma sorte de "Estruturalismo mitigado", não dava conta de uma série de fenômenos típicos da modalidade falada; (3) novas tendências da indagação lingüística, surgidas posteriormente à concepção do projeto, mostravam-se mais sensíveis a esse tipo de material, particularmente as aproximações entre a Sintaxe e o Discurso. Para uma análise dessas e de outras questões, v. Castilho 1987 e 1990.

Preocupado com esses acidentes de percurso e com a recuperação do plano inicial – descrever o português culto falado no Brasil –, apresentei em 1987 à Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Letras e Linguística, a convite da Profa. Maria Helena Moura Neves, um projeto de preparação coletiva de uma gramática do português falado, com base nos materiais do Projeto NURC/Brasil.

Tendo havido boa receptividade à idéia, convoquei em 1988 o I Seminário do já então denominado "Projeto de Gramática do Português Falado", no qual se debateu o plano inicial, que era o de *preparar uma gramática referencial do português culto falado no Brasil, descrevendo seus níveis fonológico, morfológico, sintático e textual*.

Reconheceu-se nesse primeiro encontro que seria impossível selecionar uma única articulação teórica que desse conta da totalidade dos temas que se espera ver debatidos numa gramática descritiva, numa gramática de referência como a que se planejava escrever. As primeiras discussões cristalizaram esse reconhecimento, tendo-se decidido dar livre curso à convivência dos contrários no interior do projeto. Como forma de organização, distribuíram-se os pesquisadores por Grupos de Trabalho (GTs), sob a coordenação de um deles, para a realização das tarefas previamente agendadas. Cada GT traçaria o

perfil teórico que pautaria suas pesquisas. Os textos que fossem sendo discutidos e preparados no interior de cada GT seriam posteriormente submetidos à discussão pela totalidade dos pesquisadores, reunidos em seminários plenos.

Foram realizados oito seminários até aqui, estando previstos mais dois. Terminados os seminários, os textos são reformulados e publicados em uma série própria, editada pela UNICAMP. Foram publicados três volumes, mais dois estão no prelo, e outros dois em preparação. A Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo tem financiado as atividades, também apoiadas vez e outra pelo Conselho Nacional de Pesquisas. No momento, atuam no PGPF cerca de 40 pesquisadores, ligados a 12 universidades brasileiras, distribuídos pelos seguintes GTs: (1) Fonética e Fonologia, coordenado por Maria Bernadete M. Abaurre; (2) Morfologia Derivacional e Flexional, coordenado por Margarida Basílio e Ângela C. S. Rodrigues; (3) Sintaxe das Classes de Palavras, coordenado por Maria Helena Moura Neves; (4) Sintaxe das Relações Gramaticais, coordenado por Mary Kato; (5) Organização Textual-Interativa, coordenado por Ingedore G.V. Koch. Uma lista desses pesquisadores vem no Anexo I.

A partir de 1990, solicitou-se ao Prof. Milton do Nascimento que debatesse os problemas teóricos suscitados pelos trabalhos apresentados, na qualidade de Assessor Acadêmico do PGPF. Ele apresentou um texto a esse respeito no Centro de Linguística da Universidade de Lisboa, em 1993, em reunião convocada pelos Drs. Maria Fernanda Bacelar do Nascimento e João Malaca Casteleiro. Em 1996, uma comissão constituída pelos Coordenadores de GTs, pelo Assessor Acadêmico, e por mim Coordenador Geral, integraremos os textos na gramática propriamente dita, de que sairá inicialmente uma versão voltada para o público universitário.

É impossível sintetizar aqui o conjunto dos achados constantes dos textos já publicados ou em processo de publicação. Prefiro relacioná-los no final deste texto, no Anexo II, juntamente com o plano atual da gramática, que figura no Anexo III. Nesta mesa-redonda, tentarei sumariar as discussões teóricas sobre a língua falada e sobre sua gramática, ora em curso entre os lingüistas associados ao PGPF. Tais discussões se seguem habitualmente ao debate dos textos descritivos.

Podem-se reconhecer três momentos nas reflexões teóricas do grupo. Prefiro denominá-las assim: (1) a convivência dos contrários,

(2) manutenção das divergências e (3) processamento do discurso e conhecimento sintático: um ponto de convergência ?

1. A Convivência dos Contrários

Por ocasião do I Seminário do PGPF, não se chegou a um acordo nem quanto ao objeto empírico, nem quanto ao objeto teórico, cindindo-se as posições em pelo menos duas grandes direções, para cuja formulação valem até certo ponto as distinções entre uma teoria formal e uma teoria funcional da gramática. Mesmo correndo o risco da caricatura, assim formulei tais posições em Castilho Org. 1990, 15:

1.1 – Quando ao objeto empírico:

A) *"A língua falada e a língua escrita integram um mesmo sistema, diferenciando-se na freqüência dos processos ou das categorias de que dispõem"*.

B) *"A língua falada é um objeto autônomo em relação à língua escrita. Sobretudo, não é correto admitir a agramaticalidade dessa variedade"*.

1.2 – Quanto ao objeto teórico:

A) *"A língua é um conjunto de orações, cujo correlato psicológico é a competência, isto é, a capacidade de produzir, interpretar e julgar a gramaticalidade das orações. Segue-se que as orações devem ser descritas independentemente de sua localização contextual, e a Sintaxe é autônoma com respeito à Semântica e à Pragmática. Diferentes graus de idealização dos dados podem ser considerados, sendo indispensável seguir considerando uma Língua I, distinta de uma Língua E"*.

B) *"A língua é um instrumento de interação social, cujo correlato psicológico é a competência comunicativa, isto é, a capacidade de manter a interação por meio da linguagem. Segue-se que as descrições das expressões lingüísticas devem proporcionar pontos de contacto com seu funcionamento em dadas situações. A Pragmática é*

um marco globalizador, dentro do qual deve estudar-se a Semântica e a Sintaxe”.

No seguimento das pesquisas, os GTs de Fonética e Fonologia, Morfologia e Sintaxe das Relações Gramaticais elegeram a percepção mais “formal” das tarefas, enquanto que os GTs de Sintaxe das Classes de Palavras e Organização Textual-Interativa se mostraram mais “funcionalistas”. Convencionou-se, naquele momento, que os diferentes capítulos da Gramática advertiriam o leitor a respeito das diferentes opções tomadas.

Num ponto estavam todos de acordo: o Projeto teria uma vocação empírica, buscaria realizar uma descrição exaustiva, controlando os dados quantitativamente, sempre que possível, limitada sua ação à língua falada culta documentada no Projeto NURC/Brasil.

A fundamentação nos mesmos dados matizaria as diferenças apontadas acima, abrindo caminho a uma possível convergência dos pontos de vista, alguns dos quais perceptíveis na segunda fase do debate teórico. Entretanto, nesta segunda fase as diferenças ainda permaneceram bem visíveis.

2. Manutenção das divergências

Conforme aponteí atrás, alguns GTs se inclinaram para uma abordagem mais formal dos dados, enquanto que outros buscaram uma abordagem funcional. O exame das respectivas propostas teóricas e dos trabalhos realizados mostra isso claramente. Passo a reproduzir trechos dos documentos por eles produzidos.

2.1 – A Perspectiva Formal

2.1.1 – GT de Fonética e Fonologia

Segundo esse GT, *“O componente fonológico de uma gramática é aqui entendido como um conjunto de princípios, parâmetros e convenções que organizam o sistema de oposições estabelecidas no plano fônico, e as possibilidades de escolha das atualizações dessas oposições, facultadas aos falantes em contextos específicos, lingüísticos e extralingüísticos”.*

Trabalhos em Fonologia Métrica acompanham essa perspectiva. Entretanto, devem-se lembrar as pesquisas sobre Fonética Acústica e sobre o Ritmo, necessárias à caracterização do Português do Brasil.

2.1.2 – GT de Morfologia

Os pesquisadores do GT de Morfologia sustentam que "(...) *uma abordagem gerativa para o estudo do componente morfológico, levando à procura de padrões que definiriam a competência lexical, (...) coloca a questão de como estudar a produtividade lexical no português falado, a partir de ocorrências verificadas no corpus mínimo do PGPF. (...) O conceito de produtividade lexical é de fundamental importância na teoria lexical [podendo ser definido] como a possibilidade que essa regra tenha de formar novas palavras no léxico da língua. Uma regra improdutiva, ao contrário, embora possa ser utilizada para reconhecimento de relações lexicais, tem sua distribuição limitada a uma lista de bases com que ocorre. (...). As condições de produtividade de uma regra devem ser distintas das condições de produção, que dependem de fatores de ordem paradigmática, discursiva e sociocultural. [Os fatores paradigmáticos são determinadas pela existência de regras em competição; o tipo de discurso utilizado permitirá ou estimulará certos tipos de formação; as condições culturais criam referentes a serem rotulados]. Tanto as condições de produtividade quanto as condições de produção estão ligadas a funções dos processos de formação. Temos sobretudo três funções na formação de palavras: a mudança categorial, a rotulação e a avaliação expressiva".*

O exame da produção deste grupo mostra que se acha em plena execução a descrição da formação de palavras a partir das funções acima. Mas o interesse maior dessas formulações está em pôr em contacto, no nível teórico, os princípios constitutivos da estrutura e os princípios discursivos de processamento dessas estruturas, problema com os quais os pesquisadores se vêm às voltas em seu trabalho diário, e que retornariam na terceira fase dos debates teóricos.

2.1.3 – GT de Relações Gramaticais

Esse GT estipulou "*a utilização do quadro conceitual da Teoria de Princípios e Parâmetros da teoria gerativa, aliada a uma*

metodologia de manipulação e quantificação dos dados na linha laboviana. A metodologia justifica-se pelo fato da própria teoria chomskiana admitir que uma teoria de uso da língua inclui uma gramática da competência, que atua, no desempenho, com outros módulos da mente. A visão modular da gramática e de seu uso levou a uma metáfora metodológica de trabalho por camadas de representações: uma primeira, constituída de estruturas de predicação e complementação e a segunda de estruturas de adjunção e de elementos discursivos".

Deve-se reconhecer que esse GT apresentou ao PGPF uma grande inovação, que foi a de se estabelecer um casamento entre a Teoria Gerativa e a Teoria da Variação, promovido pelos Profs. Mary Kato e Fernando Tarallo. Mas um fato sem dúvida interessante foi que, munidos de hipóteses fortes, e de certa forma arrastados pelo charme dos dados, os lingüistas aqui associados deixaram para um segundo momento o exame do "núcleo duro" da oração, ou "fundo", examinando prioritariamente *"a camada mais extrema à gramática"*, ou "figura", constituída pelos elementos discursivos e pelos adjuntos, *"que atuam como ruptores da gramática nuclear, mas que são justamente os elementos indispensáveis para a realização das relações gramaticais no discurso, ou na fala efetiva"*. Para uma discussão do par conceptual "fundo/figura", v. Nascimento 1993a.

Partindo do princípio de adjacência de caso formulado por Timothy Stowell, segundo o qual *"o elemento que atribui caso deve estar adjacente ao receptor desse caso"*, esse GT verificou se as mesmas fronteiras são disputadas pelos mesmos elementos, constatando que, a despeito da não correspondência entre fronteira e função, é possível identificar preferências bem marcadas. As relações ambíguas estão sendo analisadas tanto do ponto de vista sintático quanto do fonológico-prosódico. Foi possível concluir que o Português Falado no Brasil é marcado negativamente no que diz respeito aos requisitos da adjacência entre a cabeça e o constituinte que dela recebe o caso.

2.2 – A Perspectiva Funcional

2.2.1 – GT de Sintaxe das Classes de Palavras

Este GT descartou, desde o início, a aplicação de alguma teoria lingüística importante, optando por levar a sério a metáfora de

Neurath, sempre lembrada por Rodolfo Ilari, segundo a qual se vai "*construir um navio ao mesmo tempo em que se está navegando nele*". Assim, tentou-se desde logo explicar por que a estrutura do Português Falado é como ela é, partindo de abordagens intuitivas, que permitiram operar com critérios originários de uma literatura variada, que vai dos gramáticos antigos até a gramática gerativa, passando pela Análise da Conversação e pela Semântica. Mas tudo isso sem muito radicalismo, num raciocínio *suaviter in modo*, embora se reconheça que há um sabor mais vincadamente funcionalista naquilo que se vem fazendo.

O que unifica os pesquisadores reunidos neste GT, decerto o mais heterogêneo do PGPF, é tomar como objeto mais amplo de estudo a competência comunicativa, entendida, na formulação de Maria Helena Moura Neves, como "*a capacidade que os falantes têm não apenas de acionar a produtividade da língua (jogar com as restrições), mas também – e primordialmente – de proceder a escolhas comunicativamente adequadas (operar as variáveis dentro do condicionamento ditado pelo próprio processo de produção)*".

As classes de palavras são o objeto empírico deste GT. As pesquisas começaram pelo estudo dos Advérbios, vindo depois os Adjetivos, os Pronomes, os Verbos e as Conjunções. Partindo das propriedades habitualmente atribuídas a essas classes de palavras, examina-se até que ponto elas são aplicáveis ao estoque de itens constantes do corpus. Atuando assim, os pesquisadores se deram conta de que nem todos os advérbios, por exemplo, podem ser realmente entendidos como tais. Para encaminhar o problema, foram postulados três processos básicos de constituição do enunciado: *a predicação, a conjunção e a foricidade*, que inclui a dêixis.

Na análise dos Advérbios, esses processos foram assim utilizados: (i) No que respeita à predicação, distinguiram-se Advérbios Predicativos (Modalizadores, Qualificadores, Aspectualizadores) de Não-Predicativos (Focalizadores, Circunstanciais e de Verificação). (ii) Quanto ao processo da conjunção, notou-se que muitos Advérbios promovem "*um amarramento textual das porções de informação progressivamente liberadas ao longo da fala*", como Mercedes Risso reconheceu, ao estudar os empregos de *agora*, a que se seguiram estudos de outros itens tais como *aí*, *então*, etc. Esses conectivos textuais têm sido descritos pelo GT de Organização Textual-Interativa.

(iii) Finalmente, no que toca ao processo da foricidade, notou-se a grande importância de itens tais como *aqui, lá, agora, hoje*, etc., solicitados pela função interacional na conversação, pela permeação de vozes na produção oral, e pela remissão textual. O exame dos Pronomes, dos Adjetivos e das Conjunções vem confirmando a relevância desses processos na descrição das expressões orais.

2.2.2 – GT de Organização Textual-Interativa

O GT de Organização Textual-Interativa parte de *"uma concepção específica de linguagem, que passa a ser vista como uma forma de ação, uma atividade verbal exercida entre dois protagonistas, dentro de uma localização contextual, em que um se situa reciprocamente em relação ao outro, levando em conta circunstâncias da enunciação, de que fazem parte os entornos espaço-temporal e histórico-social que unem os interlocutores.*

O ponto forte da articulação deste GT está em sua *"visão de linguagem como manifestação de uma competência comunicativa, definível como capacidade de manter a interação social mediante a produção e o entendimento de textos que funcionam comunicativamente"*. Seus pesquisadores insistem em que essa competência comunicativa não tem, com relação à competência lingüística, um caráter de exclusão ou de adição. Por outras palavras, não se trata de *"ampliar o objeto de estudos da Lingüística Estrutural, acrescentando-lhe componentes pragmáticos. Trata-se, na verdade, de um enfoque particular do heterogêneo fenômeno da linguagem, com o conseqüente estabelecimento de um objeto de estudos que leva a pesquisar a língua sob a forma com que ela comparece socialmente, e não sob a forma de um sistema abstrato de signos"*.

O Texto enquanto objeto de estudo deve ser definido como um produto lingüístico marcado pela dinâmica da atuação interacional. A Pragmática, a Análise da Conversação e a Lingüística do Texto fornecem os marcos dentro dos quais se movimentam as análises: *"a visão do texto falado como uma atividade estruturada, que apresenta regularidades próprias de organização, sustenta a possibilidade de uma abordagem gramatical do texto"*.

Para operacionalizar tais conceitos, este GT vem investigando a organização tópica, o estabelecimento da coerência, os procedimentos

de coesão textual, os mecanismos de formulação e de reformulação, os marcadores conversacionais, além de considerações tipológicas sobre as especificidades organizacionais do monólogo e do diálogo.

3. Para um modelo de processamento do discurso: um ponto de convergência ?

A maior expectativa que as pessoas alimentam ao consultar uma gramática de referência é encontrar ali, devidamente hierarquizados, um conjunto de produtos lingüísticos, o chamado enunciado, disposto em planos classificatórios mais ou menos convincentes.

É exatamente dessa expectativa que os pesquisadores do PGPF estão fugindo, pois o que eles buscam é a identificação dos processos acionados para a produção do enunciado: Nascimento 1993b. Aqui reside, aliás, o ponto em que suas idéias convergem, e sua especificidade em face dos demais grupos que vêm trabalhando em língua falada. Assim, do projeto original de compor uma gramática com posições teóricas assumidamente distintas, evoluiu-se lentamente para a possibilidade de chegar a resultados mais integrados, relevantes para o entendimento das especificidades da língua falada.

No estágio atual de nossos debates, pode-se dizer que as seguintes afirmações, contidas em Nascimento 1993b, gozam de certo consenso:

a) Uma concepção da linguagem como uma atividade, uma forma de ação, a verbal, que não pode ser estudada sem se considerar suas principais condições de efetivação.

b) A pressuposição de que, na contingência da efetivação da atividade lingüística do falante/ouvinte [na produção e recepção de textos] temos a manifestação de sua competência comunicativa, caracterizável a partir de regularidades que evidenciam um sistema de desempenho lingüístico constituído de vários subsistemas.

c) A pressuposição de que cada um desses subsistemas constituintes do sistema de desempenho lingüístico [o Discursivo, o Semântico, o Morfossintático, o Fonológico...] é caracterizável em termos de 'regularidades' definíveis em função de sua respectiva natureza.

d) *A pressuposição de que um dos subsistemas constituintes desse sistema de desempenho lingüístico é o subsistema Computacional, [entendido como uma noção mais ampla que a de Língua I], definível em termos de regras e/ou princípios envolvidos na organização morfossintática e fonológica dos enunciados que se articulam na elaboração de qualquer texto.*

e) *A pressuposição de que o Texto é o lugar onde é possível identificar as pistas indicadoras das regularidades que caracterizam o referido sistema de desempenho lingüístico.*

Estas e outras afirmações serão discutidas nos próximos seminários. Entretanto, o plano atual da Gramática, aqui reproduzido no Anexo III, pode dar uma idéia de como se pretende operacionalizar as idéias acima.

Conclusões: teoria lingüística e teoria gramatical sobre a língua falada

Neste trabalho, apresentei de forma extremamente resumida os debates que ora se desenvolvem no interior do PGPF. Os conceitos expendidos deveriam ter sido exemplificados a partir dos trabalhos já preparados, e listados no Anexo II, tarefa que o leitor atento poderá executar por si só.

Comparando as posições atuais do PGPF, tendo em vista a consolidação de uma teoria sobre a língua falada e sobre sua gramática, com as de outros grupos de pesquisadores, é possível encontrar pontos de convergência e pontos de afastamento. Para não me alongar demasiado, examinarei com brevidade posições sustentadas por três grupos de pesquisadores, aqui apresentados na ordem cronológica com que desenvolveram suas atividades: os franceses, do "Groupe Aixois de Recherches en Syntaxe", os italianos do "Lessico Italiano di Frequenza", e os americanos do projeto "Conversation and Grammar".

1. Nos trabalhos reunidos em Blanche-Benveniste Org. 1990, de forte apelo estruturalista, encontra-se uma forma de tratar os dados nos quais se distinguem dois eixos de realização simultânea, o eixo

sintagmático e o eixo paradigmático, e uma *"séparation stricte des niveaux et des plans d'analyse: (...) la morpho-syntaxe comme point de départ (...) en laissant intacts le lexique ou le discours (...). Exploitation maximale du grammatical avant le discoursif, du syntaxique avant le lexical"* (pág. 6).

A abordagem dos dados implicou numa divisão do campo em duas áreas, que mantêm uma relação dialética entre si: a da sintaxe e a da macro-sintaxe.

O componente sintático (se é lícito denominá-lo assim) é operacionalizável através da "abordagem pronominal", que consiste em reduzir a sentença à sua estrutura esquelética, isto é, às possibilidades de combinação do verbo com os pronomes, no quadro da teoria da recção e da valência. Essa sintaxe *"s'occupe des constructions fondées sur des catégories grammaticales, comme le verbe, le nom ou l'adjectif"* (pág. 36). Mas não apenas a sentença entra aqui. Na verdade, num dos momentos mais controvertidos desta visão, rejeita-se a sentença como uma unidade da sintaxe, e outras unidades integram igualmente esse componente, como determinadas palavras e organizações sintagmáticas definidas no texto.

O componente macro-sintático *"est un domaine différent: il s'agit des relations qu'on ne peut pas décrire à partir des rections de catégories grammaticales; ainsi, une relation de dépendance ou d'interdépendance s'exerce entre les parties a et b des exemples suivants, et pourtant a n'est pas régi par b ni b par a: (a) plus je cours (b) plus je deviens sportif; (a) les uns se plaignaient (b) les autres s'en moquaient (...)"* (pág. 113). A unidade da macro-sintaxe é o nó, que pode ser preenchido por unidades sintáticas (verbais, nominais, adjetivais, preposicionais), por elementos como *"oui, non, pas question, d'accord, tant pis, tant mieux"*, ou por agrupamentos complexos de que nenhum componente, bem formado sintaticamente, poderia por si mesmo constituir-se no nó, como *"plus je joue mieux je joue"*. O nó macro-sintático pode ser acompanhado de **prefixos** e/ou de **sufixos**, aqui entendidos como constituintes que não constituem um nó, mas que o antecedem ou o seguem. Um exemplo disso vem à pág. 115: em *"de toute façon vous avez pas intérêt à me faire payer car ça pourrait vous coûter cher hein"*, em que as expressões grifadas correspondem, respectivamente, ao prefixo e ao sufixo do nó. O argumento aqui é que, reunidos o prefixo e o sufixo não se obtém um nó: * *"de toute façon car ça pourrait vous coûter cher"* (pág. 116).

2. Os italianos têm sustentado que na língua falada quebra-se a linearidade como um critério descritivo, e a prosódia assume um papel importante: *"Dobbiamo quindi essere consapevoli che nello studio del parlato occorrono modelli di interdependenza funzionale tra sintassi e prosodia, e che la loro elaborazione è solo agli inizi"*: Sornicola 1994: 118.

Outro ponto que eles sustentam é o da quebra da abordagem estática, introspectiva da sentença. Essa unidade passa a ser vista como o lugar em que as gramaticalizações se desencadeiam, e não como o lugar das estruturas "bem comportadas". Assim, à gramática da língua falada, como na física, não mais interessam os fenômenos lineares, determinísticos, e sim o mundo da probabilidade, o mundo do esfacelamento caótico: De Mauro 1994: XVII. Sornicola 1994: 120 e 125 ecoa fortemente as postulações de Tullio De Mauro, quando afirma que *"Le oscillazioni e fluttuazioni, talora impercettibili all'orecchio umano, talora de grande entità, che caratterizzano il parlato spontaneo, possono essere meglio comprese proprio all'interno di un quadro concettuale incentrato sulla complessità e sul non determinismo"*. (...) *"A me sembra che i modelli strutturali tradizionali non siano i più adatti a rappresentare la dimensione dinamica del parlato spontaneo"*.

3. Finalmente, creio que os pesquisadores reunidos à volta da proposta de Ono-Thompson 1994 estão desenhando a abordagem mais radical da gramática da língua falada.

Esse radicalismo vem, de um lado, de só admitir as unidades entonacionais como recortes aceitáveis para a análise gramatical e, de outro, de propor um programa a que denominaram "Sintaxe Interativa", que faz decorrer os processos sintáticos dos processos conversacionais. Apresento essas idéias em Castilho 1995b. Neste relatório, vou fixar-me apenas no princípio da projetabilidade, proposto por Sacks-Schegloff-Jefferson 1974 para formular seu "componente de construção de turnos". Segundo esse princípio, o falante prevê o completamento (*completion*) do movimento verbal de seu interlocutor, e se prepara para entrar na conversação. Ora, a projetabilidade é uma propriedade fortemente sintática. Os pesquisadores reunidos à volta de Sandra Thompson estão explorando esse princípio para a explicação, por exemplo, das co-construções, entre outras estruturas sintáticas, dispondo-as na moldura das *"turn constructional units"*. Em suas

próprias palavras, *"as is assumed in all the CA literature, syntactic completion is calculated in terms of its relation with a previous predicate if one is available. (...) By the same token, syntactic incompleteness is calculated in terms of a projected upcoming predicate"*: Ford-Thompson no prelo, pág. 9.

Certamente, outras reflexões estarão ocorrendo neste momento entre outros grupos científicos que vêm examinando a língua falada. Dessas reflexões surgirão novas perspectivas sobre o que é a língua falada, e sobre sua gramática.

É fundamental que os grupos que operam nesta área estabeleçam mecanismos estáveis de consulta e de interação. Em algum momento eles deveriam encontrar-se num seminário previamente preparado, no qual se pudesse estabelecer o ponto atual de nossos conhecimentos nesses campos.

Anexo I: Pesquisadores participantes do PGPF

Ângela Cecília S. Rodrigues (USP)
Antonio J. Sandman (UFPR)
Ataliba T. de Castilho (USP-UNICAMP)
Carlos Franchi (USP-UNICAMP)
Célia Maria Moraes de Castilho (Doutoranda – UNICAMP)
Célia T.G. de Oliveira (UFRJ)
Charlotte Galves (UNICAMP)
Clélia Cândida A. Spinardi Jubran (UNESP-Assis)
Dercir Pedro de Oliveira (UFMS)
Dinah M.I. Callou (UFRJ)
Erotilde Gorci Pezatti (UNESP-São José do Rio Preto)
Esmeralda Vailati Negrão (USP)
Fernando Tarallo (UNICAMP)
Giselle M. de Oliveira e Silva (UFRJ)
Hudinilson Urbano (USP)
Iara B.Costa (UFPRP)
Ieda Maria Alves (USP)
João Antonio de Moraes (UFRJ)
José Gaston Hilgert (UF-Passo Fundo)
Léa Gamarski (PUC-RJ)
Leda Bisol (PUC-RS)
Leonor Lopes Fávero (USP)
Luiz Antonio Marcuschi (UFPe)
Luiz Carlos Cagliari (UNICAMP)
Luiz Carlos Travaglia (UF-Uberlândia)
Margarida Basílio (UFRJ)
Maria Bernadete M. Abaurre (UNICAMP)
Maria Cecília P. de Souza e Silva (PUC-SP)
Maria Guadalupe de Castro (Doutoranda – PUC-SP)
Maria Helena Moura Neves (UNESP-Araraquara)
Maria Lúcia C.V.O. Andrade (USP)
Maria Luiza Braga (PUC-RJ)
Maura Alves de Freitas Rocha (UF-Uberlândia)
Mary A. Kato (UNICAMP)
Mercedes Sanfelice Rizzo (UNESP-Assis)
Michael Dillinger (UFMG)
Milton do Nascimento (PUC-MG)
Odette G.L.A.S. Campos(UNESP-Araraquara)
Paulo Galembeck (UNESP-Araraquara)
Roberto Gomes Camacho (UNESP-São José do Rio Preto)

Rodolfo Ilari (UNICAMP)
Rosane de Andrade Berlinck (Doutoranda – UNICAMP)
Sírío Possenti (UNICAMP)
Zilda G.O. Aquino (Doutoranda – PUC-SP)
Yonne de Freitas Leite (UFRJ)

Anexo II: Trabalhos concluídos

1. Fonética e Fonologia

- 1) Leda Bisol – Sândi Vocálico Externo (vol. II).
- 2) Luiz Carlos Cagliari – Da Importância da Prosódia na Descrição de Fatos Gramaticais (vol. II).
- 3) João Antônio de Moraes e Yonne Leite – Ritmo e Velocidade na Estratégia do Discurso (vol. II).
- 4) Leda Bisol – A Ditongação como Sândi Vocálico (vol. IV).
- 5) Maria Bernadete M. Abaurre – Nasalização Vocálica no Português do Brasil: o comportamento da vogal baixa (vol. V).
- 6) João A. Moraes et alii – Caracterização Acústica das Vogais Tônicas do Português Culto (vol. V).
- 7) Leda Bisol – A Sílabas no Português Brasileiro (vol. V).

2. Morfologia Derivacional e Flexional

- 1) Margarida Basílio – Flutuação Categorical de Base Adjetiva no Português Falado (vol. II).
- 2) Ieda Maria Alves – Prefixos Negativos no Português Falado (vol. II).
- 3) Odette G.L.A.S. Campos e Ângela C.S. Rodrigues – Flexão Nominal: Indicação de Pluralidade no Sintagma Nominal (vol. II).
- 4) Iara B. Costa – Processos Morfonológicos na Morfologia Derivacional (vol. II).
- 5) Margarida Basílio et alii – Derivação, Composição e Flexão no Português Falado: condições de produção (vol. III).
- 6) Margarida Basílio – Formação e Uso da Nominalização Deverbal Sufixal no Português Falado (vol. IV).
- 7) Léa Gamarski – A Estrutura Argumental dos Adjetivos em X-do (vol. IV)
- 8) Odette G.L.A.S. Campos et alii – A Flexão Modo-Temporal no Português Culto do Brasil: formas de pretérito perfeito e imperfeito do indicativo (vol. IV).

9) Margarida Basílio e Helena Martins -Verbos Denominais no Português Falado (vol. V).

10) Léa Gamarski – Efeitos da Morfologia sobre a Estrutura Argumental: adjetivos deverbais em *-nte* (vol. V).

11) Ângela Cecília S. Rodrigues et alii – Concordância Verbal no Português Falado (vol. V).

3. Sintaxe das Classes de Palavras

1) Rodolfo Ilari et alii – Considerações sobre a Posição dos Advérbios (vol. I).

2) Maria Helena Moura Neves – A Questão da Ordem na Gramática Tradicional (vol. I).

3) Rodolfo Ilari – Sobre os Advérbios Aspectuais (vol. II).

4) Rodolfo Ilari – Sobre os Advérbios Focalizadores (vol. II).

5) Ataliba T. de Castilho e Célia M.M. de Castilho – Advérbios Modalizadores (vol. II).

6) Maria Helena Moura Neves – Os Advérbios Circunstanciais de Lugar e Tempo (vol. II).

7) Marco Antonio de Oliveira – Algumas Notas sobre a Colocação dos Advérbios Qualitativos no Português Falado (vol. II).

8) Sírio Possenti – Ordem e Interpretação de Alguns Advérbios do Português (vol. II).

9) Ataliba T. de Castilho – Os Mostrativos no Português Falado (vol. III).

10) Maria Helena Moura Neves – Possessivos (vol. III).

11) Célia M.M. de Castilho – Quantificadores Indefinidos: observações para uma abordagem sintática (vol. III).

12) Rodolfo Ilari e Maria Helena M. Neves – Os Pronomes Pessoais do Português Falado: roteiro para a análise (vol. IV).

13) Maria Helena M. Neves – O Substantivo Comum (vol. IV).

14) Roberto G. Camacho e Erolde G.Pezatti – As Subcategorias Nominais Contável e Não-Contável (vol. IV).

15) Esmeralda V. Negrão – Adjetivos Explicativos x Restritivos (vol. IV).

16) Maria Helena M. Neves – As Construções com Verbo Suporte (vol. V).

17) Maria Helena M. Neves – A Expressão da Modalidade (vol. V).

18) Rodolfo Ilari – A Expressão de Tempo (vol. V).

19) Ataliba T. de Castilho e Célia M.M. de Castilho – A Expressão de Aspecto (vol. V).

20) Carlos Franchi e Esmeralda V. Negrão – Construções Existenciais (vol. V).

21) Roberto G. Camacho – Estrutura Argumental e Ponto de Vista (vol. V).

22) Erotilde G. Pezzati – Estrutura Argumental e Fluxo da Informação (vol. V).

23) Sírío Possenti – Notas sobre os Verbos Dicendi (vol. V).

4. Sintaxe das Relações Gramaticais

1) Fernando Tarallo et alii – Rupturas na Ordem da Adjacência Canônica no Português Falado (vol. I).

2) Fernando Tarallo, Mary Kato et alii – Preenchimentos em Fronteiras de Constituintes (vol. II).

3) Mary Kato et alii – Preenchedores Sintáticos nas Fronteiras de Constituintes (vol. III).

4) Fernando Tarallo – Preenchimentos em Fronteiras de Constituintes II: uma questão de variação interna, externa, ou um caso de variação individual ? (vol. III).

5) Dinah I. Callou et alii – Topicalização e Deslocamento à Esquerda: sintaxe e prosódia (vol. III).

6) Dinah Callou et alii – Preenchimentos em Fronteiras de Constituintes: orações subordinadas (vol. IV).

7) Giselle M. de Oliveira e Silva et alii – Preenchimento Discursivo em Fronteiras Sintáticas (vol. IV).

8) Ruth L. Moino – Preenchimento das Fronteiras Adjacentes ao Verbo (vol. IV).

9) Mary Kato e Mílton do Nascimento – Preenchedores Aspectuais e o Fenômeno da Flutuação dos Quantificadores (vol. IV).

10) Charlotte Galves e Maria Bernadete M. Abaurre – Os Clíticos no Português Brasileiro: uma abordagem sintático-fonológica (vol. IV).

11) Yonne Leite et alii – Tópicos e Adjuntos (vol. IV).

12) Maura A. Freitas Rocha – Adjuntos sem Cabeça no Português Falado (vol. IV).

13) Mílton do Nascimento e Mary Kato – O Estatuto dos Nominiais Pós-Verbais dos Verbos Inacusativos (vol. V).

14) Mary Kato – Uma Tipologia de Sujeitos Nulos e os Dados do Português Falado (vol. V).

5. Organização Textual-Interativa

1) Ingedore G.V. Koch et alii – Aspectos do Processamento do Fluxo da Informação no Discurso Oral Dialogado (vol. I).

2) Clélia Cândida A.S. Jubran et alii – Organização Tópica da Conversação (vol. II).

3) Maria Cecília P. de Souza e Silva e Ingedore G.V. Koch – A Dimensão Illocutória (vol. III).

4) Mercedes S. Riso – Agora... o que eu acho é o seguinte (vol. III).

5) Hudinilson Urbano et alii – Perguntas e Respostas na Conversação (vol. III).

6) Clélia Cândida A.S. Jubran – Inserção: um Fenômeno de Descontinuidade na Organização Tópica (vol. III).

7) José Gaston Hilgert – Esboço de uma Fundamentação Teórica para o Estudo das Atividades de Formulação Textual (vol. III).

8) Maria Cecília P. de Souza e Silva e Ingedore G.V. Koch – Atividades de Composição do Texto Falado: elocução formal (vol. IV).

9) Mercedes S. Riso – O Articulador Discursivo *então* (vol. IV).

10) Clélia Cândida A.S. Jubran – Parênteses: Propriedades Identificadoras (vol. IV).

11) Luiz Carlos Travaglia – Tipologia Textual e a Coesão/Coerência no Texto Oral (vol. IV).

12) Leonor L. Fávero et alii – Perguntas e Respostas como Mecanismos de Coesão e Coerência no Texto Falado (vol. IV).

13) Hudinilson Urbano et alii – Marcadores Conversacionais: definição de traços padrão (vol. V).

14) Maria Cecília P. de Souza e Silva – A Interrupção (vol. V).

15) Luiz Antonio Marcuschi – O Alongamento da Vogal na Produção Textual Falada (vol. V).

16) José Gaston Hilgert – As Paráfrases Paradigmáticas na Construção do Texto Falado (vol. V).

17) Leonor L. Fávero et alii – Procedimentos de Composição no Texto Falado: a Correção (vol. V).

18) Clélia Cândida A.S. Jubran – Tipologia dos Parênteses (vol. V).

19) Luiz Carlos Travaglia – Progressão e Elaboração de um Ponto no Desenvolvimento do Tópico Discursivo (vol. V).

III: Plano Atual da Gramática*Prolegômenos: articulação teórica e metodológica**Parte I – A Construção do Texto Falado*

- 0. Introdução: a perspectiva textual-interativa
- 1. Organização Tópica
 - 1.1 – Tópico discursivo: conceito e propriedades
 - 1.2 – Desenvolvimento do tópico
 - 1.3 – O par pergunta/resposta na construção tópica
- 2. Estratégias de Construção Textual
 - 2.1 – Hesitação
 - 2.2 – Interrupção
 - 2.3 – Repetição
 - 2.4 – Parafraseamento
 - 2.5 – Correção
 - 2.6 – Inserção
- 3. Marcadores: mecanismos de construção textual

Parte II – A Construção da Sentença

- 0. Introdução: perspectiva teórica
- 1. A Adjunção
 - 1.1 - Tópico e Adjunto
 - 1.2 - Rupturas na ordem de adjacência
 - 1.3 - Preenchimentos nas fronteiras de atribuição de caso
 - 1.4 - Adjuntos sem cabeça
 - 1.5 - Preenchedores aspectuais e quantificadores
- 2. A Predicação
 - 2.1 - Noções de predicação
 - 2.2 - O parâmetro do sujeito nulo, tipologia de sujeitos nulos e inversões no Português Falado
 - 2.3 - Construções inacusativas como construções locativas
 - 2.4 - Deslocamento à esquerda, deslocamento à direita e construções "impessoais"
- 3. A Complementação
 - 3.1 - Noções de complementação
 - 3.2 - A natureza sintagmática dos complementos
 - 3.3 - Interface Sintaxe-Fonologia: clíticos na gramática do Português Falado
 - 3.4 - Realização nula dos complementos

- 4. Construções-Q
 - 4.1 - Orações interrogativas-Q
 - 4.2 - Orações clivadas e pseudo-clivadas
 - 4.3 - Orações relativas

Parte III – A Construção da Palavra

- 0. Introdução: perspectiva teórica
- 1. A palavra: classes, processos e funções
 - 1.1 – Processos: a predicação, a dêixis e a foricidade, a conjunção
 - 1.2 – Funções: na organização semântica / interativa / textual
- 2. A construção morfológica da palavra
 - 2.1 - Morfologia Flexional
 - 1. A Flexão em Português: natureza e realização
 - 2. Estrutura do vocábulo flexionado: morfemas flexionais do nome e do verbo, auxiliaridade.
 - 3. A Flexão como processo de expressão de relações (Flexão e Sintaxe) e de valores (Flexão e Semântica)
 - 4. Flexão e Sintaxe: concordância nominal, concordância verbal
 - 5. Valores das formas verbais flexionadas no vocábulo, na frase, no texto
 - 6. Flexão e discurso
 - 2.2 - Morfologia Derivacional
 - 0. Condições de produtividade e condições de produção
 - 1. Condições de produção de processos lexicais específicos: formações prefixadas, formações compostas, gradação e pejorativos, conversão de adjetivos e marcadores conversacionais
 - 2. Condições de produtividade e produção de processos lexicais categorialmente definidos: a nominalização de verbos e de adjetivos, adjetivos deverbais e adjetivos denominais, verbos denominais e verbos deadjetivais.
- 3. A construção fonológica da palavra
 - 3.0 - Perspectivas teóricas
 - 3.1 - A sílaba
 - 1. Caracterização da sílaba
 - 2. Monotongação e ditongação
 - 3.2 – O acento lexical
 - 3.3 – Consonantismo
 - 1. As consoantes que travam sílaba: S,R,L

2. A palatização de T, D
- 3.4 – Vocalismo
 1. As vogais orais
 2. A nasalização vocálica
 3. Sândi vocálico: ditongação, elisão, degeminação

Referências

- BLANCHE-BENVENISTE, C. Ed. 1990. *Le français parlé: études grammaticales*. Paris, CNRS.
- CASTILHO, A.T. de. 1984. El Proyecto de Estudio Coordinado de la Norma Culta. Formalismo y semanticismo en la sintaxis verbal, em Donald F. Solá Ed. *Language in the Americas*. Proceedings of the Ninth PILEI Symposium. Ithaca, Cornell University, pp. 161-165.
- _____. 1990. O Português Culto Falado no Brasil. Histórica do Projeto NURC/SP, em Dino Preti e Hudinilson Urbano Orgs. *A Linguagem Falada Culta na Cidade de São Paulo*, vol. IV, Estudos. São Paulo, TAQ/FAPESP, pp. 141-202.
- _____. Org. 1990. *Gramática do Português Falado*, vol. I, A Ordem. Campinas, Editora da UNICAMP/FAPESP, segunda ed., 1991.
- _____. Org. 1993. *Gramática do Português Falado*, vol. III, As Abordagens. Campinas, Editora da UNICAMP/FAPESP, vol. III.
- _____. e Margarida Basílio Orgs. no prelo. *Gramática do Português Falado*, vol. IV. Campinas, Editora da UNICAMP/FAPESP, no prelo.
- _____. 1995b. Conversação e Gramática. Relatório submetido à FAPESP e ao DLCV/USP.
- DE MAURO, T. Ed. 1994. *Come parlano gli italiani*. Firenze, La Nuova Italia.
- FOX, C.E – Thompson, S.A. no prelo. Interactional Units in Conversation: syntactic, intonational and pragmatic resources for the management of turns, to appear in E. Ochs- E.A.Schegloff- S.A. Thompson Eds. *Interaction and Grammar*. Cambridge, Cambridge University Press.
- ILARI, R. Org. 1992. *Gramática do Português Falado*, vol. II, Níveis de Análise Lingüística. Campinas, Editora da UNICAMP, 1992.
- KATO, M. Org. no prelo. *Gramática do Português Falado*, vol. V.
- KOCH, I.G.V. Org. a publicar. *Gramática do Português Falado*, vol. VI.
- NASCIMENTO, M. 1993a. Notas sobre as atividades do Grupo de Sintaxe II, em Castilho Org. 1993, pp. 433-438.
- _____. 1993b. Gramática do Português Falado: articulação teórica. Ms. inédito, apresentado ao Centro de Lingüística da Universidade de Lisboa.

- NEVES, M.H.M. e Rodrigues, A.C. Orgs. a publicar. *Gramática do Português Falado*, vol. VII.
- ONO, T. and Thompson, S.A. 1994. What Conversation can tell us about Syntax ? Prepared for Philip W.Davis Ed. *Descriptive and Theoretical Modes in the Alternative Linguistics*. Amsterdam, John Benjamins, no prelo.
- SACKS, H. – Schegloff, E.A. – Jefferson, G. 1974. A Simplest systematics for the organization of turn-taking for conversation, **Language** 50 (4) 696-735.
- SORNICOLA, R. 1994. Quattro dimensioni nello studio del parlato, em De Mauro Ed. 1994, pp. 111-130.
- VOGHERA, M. 1992. *Sintassi e Intonazione nell'Italiano Parlato*. Milano, Il Mulino.